

DA PALAVRA PLURAL À VERDADE NÓMADA: ALGUMAS NOTAS EM TORNO DO AFORISMO EM CASIMIRO DE BRITO

(From Plural Words to Nomadic Truths:
Some Notes on Casimiro de Brito's Aphorisms)

Ricardo Gil Soeiro*

Faculdade de Letras, CECComp, Universidade de Lisboa

Abstract: This article aims to provide a preliminary analysis of the aphoristic production of the Portuguese writer Casimiro de Brito (1938-) as an emblematic example of a writing ability to multiply points of view and forge 'untimely considerations' about the self and the world. Calling upon dialogue whenever relevant with a variety of thinkers who have focused on the problem of the fragmentary writing (F. Nietzsche, J. Derrida, M. Kundera, E. Canetti), the following corpus of analysis will be privileged: *Arte da Respiração* (1988), *Da Frágil Sabedoria* (2001) and *Apoteose das Pequenas Coisas* (2016) – which we call the triptych of incompleteness, as each of these volumes reveals itself as a vibrant testimony of an openness to the experience to-come (*à-venir*, J. Derrida), providing us a glimpse of a thought of intermittency. The article thus seeks to fill a crucial gap within the studies on the Casimiro de Brito's work, shedding some light on his so far overlooked aphoristic writing.

Keywords: Aphorism, Casimiro de Brito (1938-), Contemporary Portuguese Literature, Fragmentary writing, Incompleteness.

Resumo: O presente artigo visa empreender uma análise preliminar da produção aforística do escritor português Casimiro de Brito (1938-) como um exemplo emblemático de uma capacidade de escrita em multiplicar pontos de vista e em forjar considerações intempestivas sobre o Eu e o mundo. Convocando diálogo, sempre que pertinente, com uma diversidade de pensadores que se debruçaram sobre a problemática do inacabamento da escrita (F. Nietzsche, J. Derrida, M. Kundera, E. Canetti), privilegiar-se-á o seguinte *corpus* de análise: *Arte da Respiração* (de 1988), *Da Frágil Sabedoria* (de 2001) e *Apoteose*

* **Dirección para correspondencia:** Ricardo Gil Soeiro. Departamento de Estudos Germanísticos. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade. 1600-214 Lisboa. Portugal (ricardogilsoeiro@campus.ul.pt)

das Pequenas Coisas (de 2016) – que apelidamos de tríptico da incompletude, pois cada um destes volumes se revela um vibrante testemunho de uma abertura ao porvir, deixando entrever um pensamento da intermitência. O artigo pretende, com efeito, preencher uma lacuna nos estudos sobre a obra de Casimiro de Brito, lançando alguma luz sobre a sua produção aforística, até aqui algo negligenciada pela crítica.

Palavras-chave: Aforismo, Casimiro de Brito (1938-), Escrita Fragmentária, Inacabamento, Literatura Portuguesa Contemporânea.

La réponse est le malheur de la question.
Maurice Blanchot, *L'Entretien Infini* (1969)

Poeta, romancista, contista e ensaísta, Casimiro de Brito (1938-) é consensualmente considerado como um dos escritores portugueses mais relevantes da segunda metade do século XX. Tendo começado a publicar precocemente – a estreia surgiu em 1957 com *Poemas da Solidão Imperfeita*, o autor tem sido responsável até hoje por uma produção abundante em diversos géneros literários, com uma particular tónica para a escrita poética. Para além do ofício de poeta (faceta mais visível da sua obra), desenvolveu igualmente uma actividade cultural assinalável, tendo dirigido importantes revistas literárias, nomeadamente: *Cadernos do Meio-Dia* (com António Ramos Rosa, 1924-2013), os *Cadernos Outubro/Fevereiro/Novembro* (com Gastão Cruz, 1941-2022) e *Loreto 13* (órgão da APE-Associação Portuguesa de Escritores). Importaria, igualmente, assinalar a sua ligação umbilical ao movimento Poesia 61, indubitavelmente uma das correntes estéticas mais significativas do século XX da poesia escrita em português. Foi galardoado com prestigiados prémios literários, entre eles o Prémio Internacional Versilia, de Viareggio, para a melhor obra completa de poesia, pela sua *Ode & Ceia* (1985), obra em que reuniu os seus primeiros dez livros de poesia, o prémio POETEKa na Albânia e o Prémio Mário Luzi para o melhor livro de poesia europeu editado em Itália em 2006, com o *Libro delle Cadutte* (Livro das Quedas). Para além destas distinções¹, cumpre assinalar a sua intensa colaboração com algumas das mais prestigiadas revistas literárias internacionais, pautando-se a sua actividade cultural por um grande dinamismo, tendo em vista a difusão da palavra poética. É nesse sentido que tem participado em inúmeros recitais, festivais de poesia, congressos de escritores e conferências académicas.

A despeito do amplo reconhecimento que a obra de Casimiro de Brito tem granjeado a título nacional² e internacional (sobretudo no que diz respeito à sua produção enquanto poeta – e a encomiástica apreciação da crítica especializada é disso cabal testemunho³), não

1 Veja-se também o opúsculo comemorativo: António Carlos Cortez (2020): *Prisma de Cristal. Homenagem a Casimiro de Brito*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

2 Um pungente testemunho de uma tal consagração encontra-se plasmado no monumental volume antológico: Casimiro de Brito (2020): *Negação da Morte. Obra Poética, 1955-2000*. Lisboa: Glaciar (com introdução de Fernando J. B. Martinho).

3 Veja-se, a título exemplificativo, os seguintes textos críticos: Annabela Rita (2014): “Casimiro de Brito, na via da frágil intensidade”, *Luz & Sombras no Cânone Literário*. Lisboa: Esfera do Caso, pp. 11-18; João de Mancelos (2006): “Do fragmento à pedra filosofal: A alquimia de Casimiro de Brito”, *Forma Breve* (Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro), vol. 4, 183-190; João Barrento (2007): “Um Corpo é Algo que Vem de muito Longe”. Casimiro de Brito. *Arte de bem morrer*. Lisboa: Roma, p. 127.

deixa de ser inusitada a parca atenção que a sua escrita aforística tem merecido, quer em Portugal, quer no estrangeiro. O presente artigo visa, com efeito, preencher – dentro dos limites naturais de uma pesquisa desta índole – essa lacuna, procurando inventariar algumas linhas de fuga para uma melhor percepção dos aforismos de Casimiro de Brito, equacionando a sua centralidade para uma compreensão mais informada do universo poético-mental do poeta português.

Se é verdade que, ao escrever sobre poesia, nos assalta sempre a penosa sensação de estarmos a produzir apenas uma “rima pobre”, pálido eco face à plenitude imparafraseável da palavra poética; se é verdade que, face à irreduzível singularidade de um verso, não podemos senão experimentar uma momentânea afasia, cegueira de quem perdeu a lâmpada com que exploraria o coração do sol, não é menos verdade que, perante a incandescência do aforismo, sentimos como que uma inaptidão originária para traduzir aquilo que não carece de tradução, justamente aquilo que, em virtude da sua alta voltagem imagética, se basta a si próprio. Dito de outro modo, se todas as formas em que se formula o discurso crítico mais não são do que “maneiras de falar alto no escuro” (no dizer sibilino de Manuel Gusmão 2010: 449), como podemos nós acercar-nos do aforismo, desfazendo desassombadamente esta aporia?

Um primeiro passo seria, creio, aceitar que a escrita aforística, a sê-lo genuinamente, desafia e subverte as nossas expectativas de sentido. É deste modo que Helena Topa caracteriza a tipologia textual do aforismo, enquanto categoria híbrida e impura, mas que remete para uma ideia de iluminação e de desarmante epifania:

Como pensa o aforismo, tendo em conta esta sua híbrida e complexa identidade? (“Nem carne, nem peixe”, como diz Robert Musil, a propósito desta fusão de horizontes discursivos). Um aforista, à semelhança do ensaísta e do autor de fragmentos, é, por excelência, um compilador ou colecionador de instantes, pequenas observações do quotidiano (por isso as suas anotações têm frequentemente carácter e suporte diarístico ou semelhante), pequenas ideias seminais ou lampejos que, nesse momento instantâneo de revelação se condensam sob forma de texto miniatural (Kraus: “Não se pode ditar um aforismo para uma máquina de escrever. Demoraria demasiado tempo.”) (Topa 1998: 29).

Sabotando o horizonte do meramente inteligível e não se eximindo a uma opacidade que respeita o enigma, o aforismo parece, por assim dizer, salvaguardar o seu fogo oculto. Na obra *O Gosto do Segredo*, Derrida aludiu justamente a uma espectralidade do sentido, à impossibilidade de uma transparência absoluta. Argumenta o pensador francês que:

se a transparência da inteligibilidade estivesse garantida, destruiria o texto, mostraria que não tem porvir, que não transborda o presente, que se consuma imediatamente; portanto, uma certa zona de desconhecimento e de incompreensão é também uma reserva e uma possibilidade excessiva – uma possibilidade para o excesso de se ter um futuro e de, por conseguinte, se gerarem novos contextos. Se todos podem entender imediatamente o que quero dizer, não criei contexto algum, respondi mecanicamente à expectativa, e está tudo onde está, ainda que as pessoas aplaudam e leiam até com prazer; depois fecham o livro e acabou-se (Derrida 2006: 47).

Avesso ao cálculo e aberto à fantasmagoria do indecível, o segredo seria aquilo que, permanecendo irreduzível, se abre ao infinito do porvir e à hospitalidade incondicional do totalmente outro. Os aforismos de Casimiro de Brito, particularmente aqueles que figuram no conjunto a que me gostaria de referir como o tríptico da incompletude e que abarca *Arte da Respiração* (de 1988), *Da Frágil Sabedoria* (de 2001) e *Apoteose das Pequenas Coisas* (de 2016), constituem um vibrante testemunho de uma tal abertura ao porvir. Todos eles são meios de multiplicar os ângulos de visão sobre as coisas, pontos irradiantes de uma infinitude inviolada. Subtis, lapidares, irónicos – assim são estas deambulações vorazes, assim são estas considerações intempestivas que se plasmam num palco polifónico, em que o texto rodopia e essa volúpia irreprimível deixa entrever um pensamento da intermitência.

Nietzsche, o poeta-filósofo que pensava por relâmpagos, poderia ser aqui um farol seguro para nos guiar. Em *O Crepúsculo dos Ídolos*, defende que: “O aforismo, a sentença, [...] são as formas de «eternidade»”, exibindo a ambição de “dizer em dez frases o que os outros não diriam num livro...” (Nietzsche 1996: 127).⁴ Sublinha-se, efectivamente, aqui a economia de meios, a concisão compositiva que anda a par de uma acutilância expressiva. Casimiro de Brito diz-nos em senda similar: “O aforismo é um quase silêncio; uma pegada de gaiyota na areia da manhã” (Brito 2001: 9). Já em *Aurora* (livro de Nietzsche sobre o qual María Zambrano disse que tinha valido a pena ter vivido só para ler o prólogo) se faz uma advertência contra os sistematizadores que tudo procuram aprisionar: “Cautela com os sistematizadores! – Há um espectáculo teatral dos sistematizadores: querendo preencher todo um sistema e tornar redondo o horizonte em volta dele, precisam apresentar os seus atributos mais frágeis no mesmo estilo dos mais fortes – querem representar naturezas inteiras e singularmente fortes” (Nietzsche 2004: 192). E é justamente em clave nietzschiana que Casimiro escreverá na sua *Arte da respiração*: “Só metaforicamente o Todo [...] se deixa formular, aprisionar. Não há, pois, sistemas filosóficos, mas apenas efémeras construções metafóricas. E delas será a menos efémera a que for mais misteriosa” (Brito 1988: 101). E ainda, a categórica passagem: “Abomino o sistema, o seu volume irrespirável, a sua falha de sedução. O fragmento contém tudo” (Brito 1988: 168).

Quando o poeta português nos confia que “Todas as coisas são o enigma de outra coisa” (Brito 2001a: 41), estamos perante um pensador enamorado da incompletude. Em muitos destes seus textos fragmentários, Casimiro de Brito parece estar a querer dizer que a sensualidade de um texto é directamente proporcional ao seu grau de inacabamento. Diríamos também nós, escutando a audaz lição do poeta, que nada bate o erotismo de um pensamento inconcluso: a subtileza de uma meditação que se recusa a concluir, que previne o desenlace. Assim será um livro para espíritos livres – para o leitor que se entrega ao devir e que retoma a volúpia que apenas se deixa adivinhar. Nietzsche vem, mais uma vez, em nosso auxílio quando, em *Humano, demasiado humano*, faz a apologia do incompleto:

4 É à luz do mesmo espírito subversivo do logro do pensamento sistemático que deve – a nosso ver – ser compreendido o alcance de um aforismo como o seguinte da mesma obra *O Crepúsculo dos Ídolos*: “Eu desconfio de todos os sistemáticos e afasto-me do seu caminho. A vontade de sistema é uma falta de honestidade” (Nietzsche 1996: 21).

O incompleto é mais eficaz. Tal como as figuras em relevo agem tão fortemente sobre a fantasia, porque, por assim dizer, estão em vias de sair para fora da parede e, de súbito, impedidas por qualquer coisa, ficam paradas, assim também a exposição incompleta, à maneira do relevo, de um pensamento, de toda uma filosofia, é mais eficaz que a apresentação exaustiva: deixa-se mais ao trabalho do espectador, este é incitado a aperfeiçoar aquilo que, diante dele, se destaca num contraste tão forte de luz e sombra, a pensar até ao fim e a superar ele próprio aquele obstáculo que, até aí, impediu as ideias de sair inteiramente cá para fora” (Nietzsche 1997: 176-177).

Casimiro de Brito nunca escondeu o seu fascínio pela incompletude e é a subtileza que nela pulsa que parece favorecer o cultivo da forma breve (do *haiku* ao aforismo, passando pelo fragmento e pelo poema em prosa), a que seguramente não é alheia uma sageza oriental⁵ e pré-socrática. Nesse sentido, revela-se partidário daquilo a que Milan Kundera, em *Os Testamentos Traídos*, apelida de “a velha estratégia de Chopin” (Kundera 1994). Em Chopin, como em Schumann, Schubert, Dvořák ou Brahms, as peças menores superam as grandes composições. Dir-se-ia então que, neste tríptico da incompletude de Casimiro, se assiste à apologia do formato mais pequeno, portátil e rapsódico, em detrimento da altivez de uma colossal orquestração sinfónica.

Na obra *Arte da respiração* (1988), a respiração fulgura como metáfora do pulsar reflexivo-discursivo, sublinhando o laço indissolúvel que une vida e escrita. Somos recordados, é claro, da mudança de respiração preconizada por Paul Celan⁶, mas somos igualmente impelidos a convocar as anotações, os apontamentos (*Aufzeichnungen*) de Elias Canetti. A dada altura, num desses apontamentos avulsos, o escritor austríaco diz que “Não basta pensar, é preciso respirar também. Perigosos os pensadores que não respiraram suficientemente”⁷. Canetti chega a falar da escrita como espaço essencial da respiração (*Atemraum*). Quão próximo está Casimiro desse espaço vital, quando assume que “A verdade não existe. Apenas se transmite o erro, a errância do movimento” (Brito 1988: 201). Ou ainda, num outro passo da mesma obra, quando nos acautela que: “Ainda que a verdade estivesse sentada não deixará de ser flutuação” (241). E se Wittgenstein escreveu de um modo acutilante que as suas dúvidas “formam um sistema”, Casimiro reconhecerá: “Alimento as minhas dúvidas com estes pequenos peixes que vão morrer na margem arenosa de um livro” (Brito 1988: 35).

Também a obra *Da frágil sabedoria* (2001) mobiliza um saber em devir, que se abre à metamorfose e ao fogo heraclítico, uma frágil sabedoria do incerto que se põe à escuta do magma do mundo. Desmantelando a pretensão a um saber absoluto, a *docta ignorantia* mobilizada por Casimiro insurge-se contra estereis abstracções e univocidades esclerosadas: “Antes, eu dizia que sabia. Agora, digo que nada sei. Talvez eu deva hesitar um pouco antes de dizer isto ou aquilo” (Brito 2001a: 59). Ao abraçar a contingência e o relativismo,

5 Para uma análise da influência oriental na escrita de Casimiro de Brito, cf. a seguinte obra: Catarina Nunes de Almeida (2016): *Migração Silenciosa: Marcas do Pensamento Estético do Extremo Oriente na Poesia Portuguesa Contemporânea*. V. N. Famalicão: Húmus.

6 Essa ideia de uma mudança de respiração (*Atemwende*) comparece na obra *Arte Poética* (Celan 1996).

7 Citação extraída do seguinte estudo em torno da escrita aforística de Elias Canetti: Helena Topa (2003): *A Palavra de Fogo: Uma Leitura Contextualizante da Prosa Breve de Elias Canetti*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ao comprazer-se com os efeitos que o seu pensamento antinómico produz, ao cambiar constantemente de perspectiva, a escrita aforística de Casimiro permite-nos, não só superar o dogmatismo, mas também apreender os diferentes matizes de que se tece uma realidade em permanente metamorfose. A sua meditação em torno da verdade corrobora, de forma lapidar, uma sabedoria do incerto que nos remete, creio, para as coordenadas poéticas de Wislawa Szymborska, quando esta nos diz em *Paisagem com grão de areia*: “É bela esta certeza,/mas a incerteza é mais bela ainda” (Szymborska 1998: 313). Para Casimiro de Brito, “A verdade não se encontra – quem julga tê-la encontrado tem nas mãos o vento, que já mudou” (Brito 2001a: 137). Ou ainda no mesmo encadeamento de ideias: “A Verdade maiúscula é o resumo das coisas que não existem, acaso terão existido? Mas as verdades pequeninas, essas, avançam com pezinhos de lã” (Brito 2001a: 137). Nesta desarmante obra, o sujeito prismático vai desenhando os seus humildes apontamentos sobre o silêncio e a palavra, o desencanto e o desejo, a plenitude e o vazio, o dentro e o fora, a morte e a vida, lançando mão de um magistral *chiaroscuro* que mais não é do que uma demanda pelo contraste pujante e tensional entre luz e sombra, pela criação de um efeito emocional e dramático que visa abarcar a totalidade conflituante do nosso estar-no-mundo: “Frágil, deixei esboroar-se o poder entre os dedos – frágil porque nada sei e esta pequena sabedoria não pode alimentar-se de outra coisa que não seja esse fio de areia entre os dedos” (Brito 2001a: 14). As suas reflexões intermitentes desfazem qualquer asserção que ameace arvorar-se em certeza peremptória, de tal modo que, num gesto eminentemente irónico, declara: “Tenho a incerteza quase absoluta” (Brito 2001a: 64).

Em *Apoteose das pequenas coisas* (2016), obra híbrida que oscila entre o fragmento e o aforismo, convocando ainda o registo diarístico, delinea-se uma poética da atenção que nos oferece pequenos vislumbres que se vão acumulando num pendor intimista e cujos fragmentos vão esculpindo preciosas cintilações que, mais do que explicar ou esgotar algum aspecto da realidade, o desejam iluminar serenamente. Fragmentos desamparados de um livro de enigmas por escrever, estes textos de Casimiro de Brito evidenciam uma reverberação pós-humanista que concebe o sujeito humano em contiguidade ontológica com as demais formas de vida, em que a árvore, a pedra, a flor, a formiga ou o pássaro detêm a mesma dignidade existencial que o ser humano. Quando escreve que “tudo na vida é mínimo e grandioso”, o poeta deixa transparecer uma imbricação tensional entre o magno e o mínimo, esboçando um movimento pendular que oscila entre o ínfimo e o excelso, o trivial e o sublime, a leveza e a gravidade, em que o infinito se deixa pressentir no finito. E é o espanto, no fundo, que determina o ponto de fuga destes textos, é o deslumbramento que alimenta uma escrita que atenta nos pequenos detalhes da existência, nas grandezas do ínfimo de que nos fala o poeta brasileiro Manoel de Barros, em que do singular se desprende uma ressonância cósmica. Ouçamo-lo na sua magistral composição intitulada “Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo”:

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que
eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as
insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios. (Barros 2011: 411).

A atenção ao mínimo detalhe, em que o insignificante se encontra sempre à beira do infinito, dá-nos a entender que estamos perante um trânsito mutável entre o ínfimo e o excesso, entre o minúsculo e o maiúsculo, em que os dois pólos são, para a ciência atónita praticada pelo autor do *Livro das Quedas*, igualmente incomensuráveis. Num passo distintamente ilustrativo, Casimiro de Brito esclarece: “Escrevo pequenas coisas. Com a precisão de quem vai morrer momentos depois. Morrer ressuscitando ao mesmo tempo” (Brito 2016: 205). O leitor desbrava, assim, uma tessitura complexa, em que o mais minucioso rumor se une ao mais largo movimento, em que a preciosa singularidade se articula à luz do todo, em que o máximo jamais se ousa desprender do mínimo, como no desconcertante poema de Herberto Helder incluído em *Servidões*: “porque nada tem retôrno e tudo é difícilimo/(não só o máximo mas também o mínimo)” (Helder 2013: 112).

Será esse, porventura, um dos grandes trunfos da cosmovisão de Casimiro de Brito – um trunfo que se torna particularmente tangível na sua escrita aforística. O de exibir uma vocação irreprimível para o esboroamento das certezas, um entendimento da escrita que, repudiando a sumptuosidade apaziguadora do *pathos* e das palavras definitivas, elege a incurável ferida de não-saber, em que a ambiguidade, a incerteza e a hesitação assumem um papel preponderante. Em *Vagabundagem na Poesia de António Ramos Rosa*, obra de 2001, constituída por 30 pontos luminosos, o poeta fala-nos do “Sabor de não-saber” (Brito 2001b: 47). Aliás, no ponto 25 do mesmo livro, o próprio Casimiro chega a citar a célebre coda da *Lição* de Roland Barthes: “*Sapientia*: nenhum poder, um pouco de *saber*, um pouco de *sabedoria* e o máximo de *sabor* possível” (Brito 2001b: 25).⁸

Quando, nos seus textos, um juízo se avizinha perigosamente do dogma, a sua voz replica com uma tonalidade irónica, interpelando directamente o leitor: “Se queres saber nada saberás. Nada possuirás se desejas possuir alguma coisa” (Brito 2001a: 117). Numa entrevista concedida a Ana Marques Gastão, incluída no volume *O Falar dos Poetas* (2011), lemos que, se Ezra Pound chegou demasiado tarde para a suprema incerteza, a incerteza invadiu Casimiro muito cedo, esclarecendo o poeta em meridiana clareza: “O meu caminho é o de perder-me no labirinto” (Brito 2011a: 150).

Importaria não nos esquecermos de que Cioran, mestre da desilusão, estipulou em *Silogismos da Amargura* que apenas “cultivam o aforismo aqueles que conheceram o medo

⁸ Vide a passagem original, extraída da obra *Leçon* do semiólogo francês: “Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas surge em seguida uma outra em que se ensina o que se não sabe: a isso se chama *procurar*. Chega agora, talvez, a idade de uma outra experiência: a de *desaprender*, de deixar germinar a mudança imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda que ousarei aqui arrebatar, sem complexos, à própria encruzilhada da sua etimologia. *SAPIENTIA*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de *sabedoria* e o máximo de *sabor* possível” (Barthes 1979: 41-42).

no meio das palavras, esse medo de se desmoronarem com *todas as palavras*” (Cioran 2009 9). Casimiro de Brito habitou o imperscrutável coração desse medo e dele saiu intacto. A sua voz é, em suma, uma voz que suspeita de si mesma, delicada forma de sabedoria que não se subjugava à vontade de poder e que nos fala de um esplendor ferido de que não há regresso.

Bibliografia

- BARTHES, Roland (1979): *Lição*. Lisboa: Edições 70.
- BARROS, Manoel (2011): *Poesia Completa*. Alfragide: Caminho.
- BLANCHOT, Maurice (1969): *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard.
- BRITO, Casimiro (1985): *Ode & Ceia: Poesia 1955-1984*. Lisboa: D. Quixote.
- (1988): *Arte da Respiração*. Lisboa: Dom Quixote.
- (2001a): *Da Frágil Sabedoria*. V. N. Famalicão: Quasi.
- (2001b): *Vagabundagem na Poesia de António Ramos Rosa*. V. N. Famalicão: Quasi.
- (2005): *Livro das Quedas: Ars Morendi*. Lisboa: Roma Editora.
- (2016): *Apoteose das Pequenas Coisas*. Póvoa de Santa Iria: Lua de Marfim.
- CIORAN, Emil (2009): *Silogismos da Amargura*. Lisboa: Letra Livre.
- DERRIDA, Jacques (2006): *O Gosto do Segredo*. Lisboa: Fim de Século.
- GASTÃO, Ana Marques (2011): *O Falar dos Poetas. Entrevistas*. Porto: Afrontamento.
- GUSMÃO, Manuel (2010): *Tatuagem & Palimpsesto. Da Poesia em Alguns Poetas e Poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- HELDER, Herberto (2013): *Servidões*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- KUNDERA, Milan (1994): *Os Testamentos Traídos*. Porto: Asa.
- NIETZSCHE, Friedrich (1996): *O Crepúsculo dos Ídolos*. Lisboa: Guimarães Editores.
- (1997): *Humano Demasiado Humano*. Lisboa: Relógio D'Água.
- (2004): *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SZYMBORSKA, W. (1998): *Paisagem Com Grão de Areia*. Lisboa: Relógio D'Água.
- TOPA, Helena (1998): “Das Fronteiras de Género às Fronteiras Discursivas: Aforismo, Fragmento e Ensaio”. In: *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 11. Lisboa: Edições Colibri: 23-33.
- (2003): *A Palavra de Fogo: Uma Leitura Contextualizante da Prosa Breve de Elias Canetti*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PERFIL ACADÉMICO-PROFESIONAL

Ricardo Gil Soeiro (1981) é poeta, ensaísta e tradutor. Professor da Universidade de Lisboa (Portugal), tem vários livros publicados, entre os quais *Gramática da Esperança* (2009), *Poéticas da Incompletude* (2017), *Volúpia do Desastre* (2019) e *O Enigma Claro da Matéria* (2019). Organizou o volume *As Artes do Sentido* e coeditou *Paul Celan: Da Ética do Silêncio à Poética do Encontro* (2014), *Das Cinzas do Silêncio à Palavra do Fogo* (2018) e *O Nada virado do Averso* (2019). No domínio da poesia, publicou obras como *Caligraphia*

do Espanto (2010), *Labor Inquieto* (2011) ou *Da Vida das Marionetas* (2012). Em 2012, veio a lume *L'apprendista di enigmi*, uma antologia poética traduzida para italiano. Com *Iminência do Encontro* foi galardoado com o Prémio PEN Clube Português – Primeira Obra 2010. Com o livro *A Sabedoria da Incerteza* foi finalista do Prémio PEN de Ensaio 2016. Com o livro *Palimpsesto* foi finalista do Prémio SPA 2017. Com *A Rosa de Paracelso* foi finalista do Grande Prémio de Literatura DST 2018. Em 2019, foi distinguido pelo Instituto Cultural Romeno com o título honorário Amicus Romaniae 2019. É professor de Estudos de Literatura, Arte e Cultura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e investigador no Centro de Estudos Comparatistas (CEComp) da mesma instituição. Publicou artigos científicos e recensões críticas em inúmeras publicações de relevância internacional, designadamente: *Ellipsis*, *Journal of Romance Studies*, *Colóquio-Letras* e *Revista de Filología Románica*.

Fecha de recepción: 18-05-2023

Fecha de aceptación: 1-09-2023